

1

Introdução

Este trabalho consiste em analisar a crítica social e o debate sobre a questão racial presente nas letras de algumas composições musicais da banda *Chico Science & Nação Zumbi*¹, principalmente nos álbuns *Afrociberdelia* (1996) e *Da Lama as Caos* (1994). Destacamos também outras composições musicais que não apenas as referentes a esses álbuns, além de sublinharmos a importância da experiência e do cotidiano dos personagens envolvidos na cena *manguebeat* para a discussão central desse trabalho.

Podemos dizer que tal como os estudos culturais determinam, estamos preocupados como em nosso objeto a subalternidade foi expressa e como ela mesma foi uma forma de organizar as características contraculturais e críticas ao sistema e a ordem política vigente. Nesse sentido, elegemos o marxismo como forma de alcançar esse objetivo, sobretudo o materialismo histórico e sua dimensão histórico-econômica que pôde dar substância, especialmente, ao debate e as reflexões do capítulo intitulado O “encontro” entre Gramsci e João Paulo na lama do mangue em Recife. Nele estivemos dispostos a investigar de que maneira alguns expedientes das relações de produção, como a exploração econômica, a miséria econômica, a própria luta de classes, etc. foi exposta e abordada naquelas composições musicais.

¹ Não serão apenas analisadas as composições musicais dessa banda, outras bandas e personagens importantes à cena do movimento *manguebeat* também fundamentais para análise da crítica social e do debate sobre questão racial presentes na banda.

Para tanto elegemos um interlocutor bastante conhecido, inclusive pelos próprios integrantes da banda *Chico Science & Nação Zumbi*, Josué de Castro. Não só por ele ser explicitamente uma referência e inspiração para a construção dos simbolismos e representações do movimento *manguebeat*, mas também, porque sua obra *Homens e Caranguejos* nos forneceu os elementos necessários para compreender ainda mais aqueles elementos da condição econômica vivenciada pelos moradores dos manguezais, da periferia da cidade de Recife, sobretudo da fome e da miséria.

Não poderia ser, por conta disso, uma análise que excluísse a categoria de experiência de E. P. Thompson, numa chave interpretativa que coloque a importância do materialismo histórico em sua análise do cotidiano e da história social. Tampouco foi o caso de ignorarmos asserções fundamentais de Marx e Engels que pudesse dar a ver nossa definição de Estado e classes sociais, e sua relação dialética na luta de classes. Por fim, também destacamos a relevância dos escritos gramscianos pré-carcerários e seus *Cadernos do Cárcere*, na medida em que buscávamos explicações para os movimentos dos subalternos e a disputa por hegemonia.

O marxismo, sem sombra de dúvida, norteia com centralidade as aspirações desse trabalho, não à toa ele reaparece no capítulo intitulado *Mangue, raça e classe* no debate sobre questão racial, em especial no tópico sobre raça e classe. Nele interpretamos na produção musical da banda o debate sobre questão racial recuperando o método que Chalhoub (1990) notou em *Zadig e a História*, qual seja do “paradigma conjectural” de Carlos Ginzburg. A partir desse método, próprio da micro-história e bastante relevante a história social, indícios e pistas marginais às hipóteses centrais de nosso objeto tornaram-se essenciais ao “acesso à determinada realidade” (Chalhoub, 1990, p.17).

Nesse sentido, elegemos uma série de discussões presentes em nosso objeto que suscitaram de uma maneira ou outra o debate sobre questão racial, não que esse fosse o tema central ou objetivo fundamental da produção cultural ou musical da banda. Estivemos atentos como a experiência de vida de seus integrantes foram expressas naquela produção, o vocabulário usado por eles e o cotidiano que eram expressos nas letras, que denotaram a partir de vestígios

marginais um possível debate racial. Essa apresentação em grande medida foi verificada a partir da íntima ligação entre a categoria de raça enquanto ordenadora social e distinção hierárquica entre brancos e negros com a divisão da sociedade em classe sociais.

Além dessa compreensão do debate racial, procuramos uma outra que pudesse dar a ver uma definição de cultura negra presente em *Chico Science & Nação Zumbi*, que ensejasse uma discussão sobre a questão racial. Em primeiro lugar, procuramos defini-la sob duas perspectivas teóricas, a do pan-africanismo cultural e da diáspora, a fim de precisar a produção da banda ao longo da década de 1990 como uma música do Atlântico Negro. Nesse sentido, afirmamos não apenas que se trata da tessitura de um tempo inteiramente distinto, da “duplicidade e mistura cultural”, das “qualidades polifônicas da expressão cultural negra” (Gilroy, 2012), mas também da maneira performativa que a herança cultural africana pôde ser notada em fins do século XX na cidade de Recife no movimento *manguebeat*.

Há uma ressalva que deve ser feita, aliás ela é uma preocupação que desde o título pode ser suscitada, como a reflexão sobre raça está presente nas composições musicais de uma banda que nem ao menos debateu questões referentes ao anti-racismo e a negritude, por exemplo. Historicamente, houve na luta pela emancipação e libertação dos povos africanos intelectuais e militantes pan-africanistas que debateram esses temas centrais para concepção da luta do povo negro africano e da diáspora africana. Os primeiros congressos pan-africanistas que tiveram a figura de W.E.B. Du Bois como principal liderança e Movimento Negritude encabeçados por Léopold Senghor e Aimé Césaire, principalmente, concorreram a esse objetivo. Martin Luther King, Malcon X e Rosa Parks na luta pelos direitos civis norte-americanos, bem como o Partido dos Panteras Negras, cada um a sua maneira, conformaram uma luta anti-racista e debateram o orgulho racial se posicionando no debate racial à sua época.

Essa breve e parcial apresentação histórica sobre a mobilização de intelectuais e militantes negros na luta contra o racismo reafirma o caráter da nossa preocupação, o debate sobre questão racial no plano da luta política e reivindicativa de uma identidade negra, mas ignora, por exemplo, outras formas

de luta anti-racista e afirmação simbólica da cultura negra africana. Deixemos, por conta disso, nossa preocupação de lado. Não é porque não se pode verificar a construção de uma identidade negra e aqueles dispositivos de luta que anunciamos anteriormente que não se valida um específico debate racial. Recuperar a cultura negra em plenos anos 1990 numa cidade fortemente marcada por séculos pelo extrativismo da cana-de-açúcar e o trabalho escravo de negros africanos já nos fornece os primeiros passos para iniciá-lo.

Essa foi a perspectiva com a qual tentamos dialogar ao longo do capítulo intitulado A África em *Chico Science & Nação Zumbi*, nela recuperamos uma estratégia da segunda geração do movimento negro e do movimento negro contemporâneo que recobra a importância do viés cultural na luta do povo negro brasileiro. A cultura negra, por séculos negada e combatida, ao ser afirmada e reivindicada passa a ser, em contraposição ao racismo das sociedades burguesas, elevada a um outro patamar, não mais contemplativo e estético, mas da crítica e contraposição ao racismo a ela legado.

Por fim, nosso trabalho tem a intenção de aportar na historiografia do movimento *manguebeat* e da história da banda *Chico Science & Nação Zumbi* em alguns temas ainda pouco pesquisados, mas que se nota um esforço, ainda que tímido, em trazê-los a baía de discussão. A crítica social e política presente em suas composições musicais e o debate sobre questão racial (e em algum sentido sobre questão negra) fazem parte de nossa contribuição.